

DIFICULDADE DA APRENDIZAGEM DA LEITURA, COMO RESOLVER?

Francisco Alves de Andrade

(alvesandrade65@gmail.com)

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Artigo apresentado como requisito para a conclusão da disciplina, Alfabetização e letramento, ministrada pela Professora Doutora Débora Nascimento

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a problemática da leitura, analisando os diversos viés do aprendizado e da relação de amor e ódio desenvolvido por crianças e adolescentes quando a questão é ler. A partir da definição de leitura e suas diversas concepções entraremos no universo de aprendizado do hábito de leitura de diversas pessoas, para concluir que ler é um hábito e não pode ser imposição. Mergulharemos no universo criado por Daniel Pennac em seu livro “Como um Romance” para responder aos variados questionamentos sobre o porquê de alguns alunos e alunas nutrirem excessivo amor pelos livros, enquanto outros tantos alimentam verdadeiro ódio pela prática da leitura.

PALAVRAS CHAVE: ADOLESCENTE, CRIANÇA, FILHO, HÁBITO, LEITURA, LIVRO, PROFESSOR, ROMANCE, TEXTO.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el problema de la lectura, el análisis de los distintos aprendizaje y la relación de amor y odio desarrollado por los niños y adolescentes a la hora de la lectura. A partir de la definición de la lectura y sus diferentes conceptos entrar en el mundo de aprendizaje de los hábitos de lectura de muchas personas para la conclusión de que la lectura es un hábito y no puede ser impuesta. Nos sumergimos en el universo creado por Daniel Pennac en su libro "Como una Novela" para satisfacer las variadas preguntas sobre por qué algunos estudiantes y alumnos nutren el amor por los libros, mientras que otros alimentan tanto odio por la lectura.

PALABRAS CLAVE: ADOLESCENTE, NIÑO, HIJO, HÁBITO, LECTURA, LIBRO, PROFESOR, ROMANCE, TEXTO

INTRODUÇÃO

Toda criança quando começa efetivamente sua vida escolar, depara-se com uma série de dificuldades. Aprender Matemática, Português, Ciências torna-se uma verdadeira tortura. Embora olhar para figuras de animais, que tanto as atrai seja prazeroso, quando precisa resolver questões relacionadas com essas criaturas, a coisa muda de figura. No 2º ano do Ensino Fundamental, ele facilmente desenvolve a sequência alfabetica que lhe é cobrada. Porém só o faz após o pai, a mãe ou a tia dizer para ele o significado do enunciado. Em Matemática o mesmo se passa. E vem-nos sempre a mente a frase que já se tornou bordão: *ele sabe Matemática, ele não sabe é ler o enunciado.* Diante desse diagnóstico, nações inteiras se mobilizam na certeza de que o aluno precisa aprender a ler antes de aprender algo. Chega-se ao absurdo de se instituírem regras ou coisa que o valha, cuja principal indicação é a de que o aluno deve ser aprovado se obtiver algum progresso no campo da leitura, embora não tenha desenvolvido o mínimo de conceito histórico necessário à sua formação intelectual. Como se assim ele estivesse apto a realizar sozinho o aprendizado de qualquer matéria, uma verdadeira apologia ao autodidatismo. Até aí tudo bem, mas a pergunta que não quer calar é a seguinte: *e como aprender a ler?* Eis aqui talvez o grande desafio do mundo moderno, do mundo informatizado. Procuraremos, portanto, neste trabalho fazer a análise dessa dificuldade que constrange tanto a escola quanto a família. Passearemos pelo mundo de Daniel Pennac, cuja obra “Como um Romance”¹, é um libelo de como surge o prazer pela leitura ou como ele deve ser cultivado. Outrossim, não deixaremos de fazer referência aos autores mais tradicionais, como Cagliari, Ivanda Maria, Helena Martins, Paulo Freire, dentre outros, quando o assunto é leitura, ou a falta desta, e seus desdobramentos.

1 DEFINIÇÃO, OBJETIVOS E IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

É fácil imaginar os primeiros *homo sapiens* tentando entender o que realmente acontecia consigo. É fácil entender a necessidade de eles registrarem em cavernas as suas experiências com o mundo que os cercavam. É fácil também imaginar a necessidade dos outros homens mais sábios em descobrir a escrita para perpetuarem sua história e seus descobrimentos. Assim como também não é difícil imaginar como os povos antigos miravam o céu em busca de respostas coerentes para suas vidas, fazendo surgir assim teorias como as astrológicas e também as diversas mitologias povos a fora. Era a leitura que se fazia do indescritível, do inconcebível, do indecifrável. Assim surgiu a leitura, ou seja, com os homens.

Ler é, portanto, uma luta para compreender o que nos cerca. Pode ser uma situação, pode ser um texto escrito na nossa própria língua. Quando o mundo se depara diante do mistério de Capitu, está tentando fazer a leitura, não só da mente do grande mestre Machado de Assis, mas também a leitura do que vai no seu próprio inconsciente. Vã leitura, impossível tentativa. Como é vã, impossível também a leitura da maldade humana que criou o Holocausto. Ler não é apenas compreender códigos instituídos para representar, ou tentar, a fala de um povo, ou de vários povos. Ler é ir além, é compreender o que vai nas entrelinhas, é buscar na história do autor, de sua nacionalidade, de sua infância motivos que o levaram a escrever o que está diante de nós. Ou, nas palavras de Cagliari (1997, p 48):

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a Pós-graduação, é decorrente do problema de leitura.

Por isso, ler também é simplesmente compreender o enunciado de uma questão de Português ou de Ciências. E essa tarefa para alguns não é fácil. Muitas crianças do ensino básico não contêm leitura suficiente para essa compreensão. Por isso se fecham em um mundo só delas, um mundo cuja leitura não foi feita ainda nem pelos pais nem pelos professores. O resultado dessa tripla falta de leitura é a reprovação escolar, e o pior: a reprovação social, em virtude, muitas vezes, do excesso de retraimento do aluno, e seu futuro já está seriamente comprometido.

Daí a importância da leitura no universo estudantil, pois ela, segundo Cagliari (1997), é a realização do objetivo da escrita (p. 149). Sem o completo reconhecimento dos códigos e do modo como se articulam dentro de uma sentença não é possível o entendimento da realidade que nos cerca.

Isso nos faz lembrar do aprendizado de Tarzan, segundo seu criador Edgar Rice Burroughs, citado por Maria Helena Martins (2003; p. 14) em “O que é Leitura”:

Aos dez anos, remexendo nos escombros da cabana de seu falecido pai, o garoto-macaco topou com alguns livros e teve seus primeiros contatos com a palavra impressa , através de uma cartilha. Tentou de início pegar as imagens que a ilustravam, percebendo então serem apenas representações das figuras reais. Mas ‘o que mais o intrigava eram as figurinhas desenhadas embaixo das imagens, e que provavelmente deveriam ser insetos desconhecidos... Vários tinham pernas, mas em nenhum descobria bocas e olhos’. Não podia imaginar que esses sinais fossem as letras do alfabeto. Observando e refletindo, percebeu aos poucos a relação entre os ‘insetozinhos’ e as imagens que os acompanhavam; eles não eram muito numerosos , repetiam-se várias vezes. assim, numa ‘tarefa extraordinária’, aprendeu a ler ‘sem possuir a menor noção das letras, nem da linguagem escrita, sem mesmo saber que essas coisas existiam’.

Com certeza o mundo da escrita para uma criança deve se assemelhar a um enxame de insetos. Mas o mais importante desse descobrimento é a felicidade em decifrar todo aquele mundo desconhecido. Claro está que nossos alunos e filhos não encontram esse mundo de dificuldade. Eles têm o desenvolvimento adequado até a compreensão da escrita transformada em leitura.

2 A AQUISIÇÃO DA LEITURA

Está claro que o processo de aquisição da leitura das nossas crianças está longe do que foi para Tarzan, apesar de assim ser perfeitamente possível, ou como o de Sartre, também citado por Helena Martins (2003; p.15). Pelo menos o da maioria. E por falar em maioria, na maioria dos casos, o aprendizado da leitura começa pelo ouvido. Nossa primeiro contato com texto é o contato auditivo. À noite, antes de dormirmos, os pais vêm contar histórias. Assim, se-nos descortina um mundo de fantasia, cujas personagens mágicas, bruxas, fadas duendes, gênios nos fazem sonhar que o irreal é perfeitamente possível. É essa a leitura que fazemos do mundo. É ela que vai burilar nosso mundo de curiosidades. É ela que nos indica o caminho da leitura como sendo o mais perfeito de um mundo imperfeito. É o que finalmente nos vai dar a chave de todos os mistérios. Por isso decidimos ler, como ocorreu com Sartre, conforme Helena Martins (2003; p. 15)

‘Apossei-me de um livro intitulado *Tribulações de um chinês na China* e o transportei para um quarto de despejo; aí, empoleirado sobre uma cama de armar, fiz de conta que estava lendo: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e me contava uma história em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas. Surpreenderam-me – ou melhor, fiz com que me surpreendesse –, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto.’

O que levou o menino Sartre a querer ler foi o mesmo desejo que nos leva a querer manusear um livro, folhear suas belas páginas, que nos leva a brincar de aula. *Mas o que leva então alguém a detestar leitura?* Eis a pergunta que não quer calar. A resposta para essa indagação, porém, será analisada mais à frente. Por enquanto vamos nos ater à aquisição da leitura.

Depois vem a escola com seus métodos mais ou menos eficientes, dependendo do indivíduo a que se quer ensinar. É claro que o lúdico, presente nessa fase, é responsável pela facilidade do processo de assimilação da leitura, como bem afirma Cagliari (1997, p. 91). Sendo assim ler é uma brincadeira divertida e necessária, como afirma Nelly Novaes Coelho (1987; Introdução, p. XII):

Nessa ordem de ideias, torna-se claro que os processos que levam ao aprendizado da leitura e da escrita tem sua pedra-base no processo de alfabetização. Daí (...) nossa preocupação com a iniciação lúdica do *pré-leitor* no mundo da literatura, através dos livros-de-imagens-sem-textos, que propiciam ocasiões adequadas para a ‘nomeação’ do mundo, — caminho aberto para a descoberta da *palavra* em seu valor básico de *representação do real*.

À alfabetização se segue o curso natural das coisas. Aulas de ciência, Português, Matemática etc. E a leitura passa a ser fundamental. O conhecimento dos sintagmas passa a ser mais importante do que o prazer de ler. E se alguém se destaca, ler bem em voz alta, torna-se logo o queridinho, enquanto os outras e/ou as outras, meros coadjuvantes. Talvez daí advenha aquele ódio mortal que alguns dedicam à leitura. O certo é que o aprendizado da leitura segue seu curso normal. E depois vem a adolescência. Com ela o Ensino Médio e o fantasma do vestibular. É nesse período que um dos professores chega para o aluno e pergunta: “O que você está lendo?” Diante da negativa do aluno, talvez por não ter feito a “correta” leitura da pergunta do propedeuta, este lhe dá um sorriso e sai diagnosticando o porvir do aluno com relação aos exames vestibulares. Em suma, o aprendizado da leitura é eterno, não tem fim, assim como não tem fim o amor ou o ódio pelos livros.

3 LEITURA UMA ESTRANHA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO

Entretanto o que está por trás dessa estranha relação entre o jovem e a leitura, muitas vezes foge à nossa reflexão. O certo é que quem lê pensa mais, reflete muito. Aqueles que tiveram maior acesso aos livros, se identificaram mais com o campo das ideias, sejam elas de cunho lúdico, sejam de cunho crítico. Ou seja, ler ou não ler eis um dilema de cunho social. Um país que não quer que seus jovens leiam, tem motivo de sobra para isso: ler instiga, como afirmado acima, ao pensamento crítico. Logo, no caso do Brasil, nunca houve motivos para que o incentivo ao livro fosse disseminado. Na década de setenta, o boom da televisão e a invasão cultural norte-americana tiraram a atenção da leitura e direcionaram para a “deusa dos raios azulados”, como bem cunhou Ignácio de Loiola Brandão (1976; p. 15), talvez daí advenha a impressão do senso comum de ser a televisão a culpada pelo afastamento da população em formação com relação à leitura. Mas esse senso comum está equivocado, como nos explica Theodoro (1986; p. 43):

As causas fundamentais da crise da leitura não estão vinculadas à presença e influência da televisão na sociedade brasileira, como parece explicar o senso comum. Essa crise advém, fundamentalmente (1º) da participação desigual das classes sociais no que tange ao acesso e à fruição dos conhecimentos veiculados pela escrita e (2º) das formas arbitrárias e fetichizadas de se conceber e de se produzir a leitura.

Ou seja, por trás da televisão há todo envolvimento político social para afastar o indivíduo em desenvolvimento do mundo mágico dos livros. Outrossim, se nos reportarmos a nossa atualidade, veremos que a internet e suas redes sociais inibem o ato de ler, mas não são responsáveis diretamente por essa ausência. A falta de bibliotecas nas escolas, o preço dos livros e muitas vezes a sua (do livro) inacessibilidade são os verdadeiros fatores de inibição da leitura.

3.1 Duas Pequenas Histórias

Duas histórias me vieram à cabeça. Uma real, outra (quase) ficção. A primeira aconteceu comigo. Eu estava no início de meu trabalho como professor de Português e era amado por todos os alunos. Não havia na escola em que trabalhava aluno que não me cumprimentasse, que de mim não gostasse. Quando havia festinhas, fosse que data fosse, era sempre homenageado. Os outros colegas, de certa forma, me invejavam.

Convidado para trabalhar numa escola maior, dessas de propaganda cara na tevê. Decidi-me por aquilo que parecia melhor para minha carreira. Despedi-me dos alunos, dos colegas e fui para minha próxima missão. Três meses na nova escola e aída era um inferno. Os alunos me detestavam e de mim tinham medo mórbido. De certa forma até me orgulhava disso, pois assim não tinha problema com disciplina e conseguia trabalhar melhor (pensava) que alguns outros colegas. Entretanto faltava a amizade, o carinho e o verdadeiro aprendizado dos alunos.

Tempos depois, agora em 2003, encontrei-me com uma ex-aluna, da época em que era amado pelos pupilos. Ela me abraçou efusivamente, fez-me ver como me admirava e em seguida me disse:

— Querido professor, eu ainda hoje guardo aqueles textos maravilhosos que o Sr. levava para nós. Como suas aulas eram atraentes, como nós gostávamos das histórias que o Sr. contava com sua voz agradável! Eu agora sou pedagoga e nas minhas aulas eu sempre utilizo seus textos. Muito obrigada pelo que o Sr. nos ensinou.

Fiquei boquiaberto, pois acabara sem querer descobrindo de uma só vez o motivo do amor e do ódio que paradoxalmente nutriam por mim. Quando cheguei à segunda escola da história, sem discutir, segui as orientações da coordenação e abandonei, **sem me dar conta**, o método de ensinar português baseado na leitura lúdica. **Como era imposição da escola**, passei a ensinar português, também sem me dar conta, pelo método gramática pela gramática. Minha submissão ao sistema me rendeu dissabores e me privou de uma boa relação com os educandos.

A outra história chama-se A Felicidade Clandestina e se trata de um conto de Clarice Lispector. E com certeza é conhecido por todos. Queria lembrá-la aqui para

ratificar a ideia do amor pelos livros. O conto narra a história de uma menininha habitante da cidade do Recife que adora ler, mas suas condições financeiras parece não lhe permitirem exercer efetivamente seu amor pelos livros. Em condição oposta está a filha do dono da livraria. Com um mundo de livros à sua disposição, mas, parece, com profunda aversão aos livros.

Certo dia, a filha do dono da livraria, de modo sádico, informa à menininha que possui as Reinações de Narizinho. “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o e completamente acima de minhas posses.” A filha do livreiro diz à leitorinha que lhe emprestaria o livro, que ela fosse à sua casa no dia seguinte. Mas o drama do dia seguinte se repetiu para nossa amiguinha indefinidamente. Era sádico o plano da menina, ela sentia prazer em ver a personagem narradora sofrer. E esta percebendo a necessidade daquela, sofria, como se seu sofrimento ajudasse a outra.

Para resumir, a mãe da menina má descobre o plano maléfico de sua filha e empresta finalmente o livro para a menina leitora, e esta descobre o que é ser feliz, principalmente se esta felicidade é clandestina.

Essas duas histórias servem para que entendamos o valor da leitura e para compreendermos quão ela é importante para o aprendizado do idioma. Eu, em um momento, sem querer, criei um séquito de leitores, transmitindo a eles meu legado de leitura. Para em seguida criar uma comitiva de alunos odiosos, ao aplicar o método menos eficiente de ensinar português. A segunda história nos faz refletir sobre o amor pelos livros. Como a própria Clarice, pela voz da narradora-personagem, nos informa que “o amor pelo livro seria minha vida inteira”. É fácil entendermos o amor pela leitura. O difícil é entendermos o contrário, Ou seja, a aversão a ela, subentendido também no conto de Clarice. A seguir vamos tentar entender também esse fenômeno.

3.2 Daniel Pennac E A Resposta Para Essa Pergunta

O nome do livro: *Como um Romance*. Autor: Daniel Pennac. Nacionalidade: francesa. Categoria: indispensável a qualquer um que anseia por uma resposta para o problema da leitura.

O mais interessante desse livro deveria ser o fato de ele ser francês, consequentemente europeu, portanto advindo do Primeiro Mundo, e trazer no seu bojo as mesmas preocupações e os mesmos anseios da comunidade discente, escolar de um país de Terceiro Mundo, como o Brasil. Isso quer dizer que não há diferença quanto aos jovens daqui e os de lá. Hipoteticamente eles não gostam de ler, consequentemente, tanto os daqui como os de lá possuem problemas de aprendizado em função da aversão à leitura. Isso já serviria para alento de nossos professores e pais, pois se chegaria à conclusão de que o que ocorre na Educação não é uma prerrogativa nacional.

Entretanto, e felizmente, não é essa sua grande importância. Ela está na discussão que o autor vai fazendo a respeito de como se está tratando a leitura, de que forma ela está sendo apresentada às crianças e aos jovens. Logo nas primeiras linhas lemos:

O verbo ler não suporta o *imperativo*. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo ‘amar’... o verbo ‘sonhar’... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: ‘me ame!’ ‘sonhe!’ ‘leia!’ ‘leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!’

— Vá para o quarto e leia!

Resultado?

Nulo. (PENNAC, 1993, p. 13)

E assim se inicia um romance cujas personagens são ora ficcionais, ora históricas, ora seres do mundo real. A personagem central, de ficção, representa um jovem que tanto pode habitar o Primeiro Mundo quanto o Terceiro; tanto pode estar na França como no Brasil. É uma personagem “tipo”, pois representa o jovem cuja obrigação é ler um romance de 446 páginas, para uma ficha de leitura. Exatamente o que acontece com nossos jovens. Está ele embarrulado no quarto olhando, pensando no restante que falta depois de ter lido 48 páginas, tendo de entregar a ficha no dia seguinte. Retrata a angústia universal de se ler um livro compulsório, como se fosse um imposto que se tem que pagar mesmo sem ter com o que pagar. Como diria Djavan: “Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar” E relembra do susto da classe:

Ele escuta a pergunta uníssona dos colegas:

- Quantas páginas?
- Trezentas ou quatrocentas...
- (Mentiroso...)
- É pra quando?
- O anúncio da data fatídica provoca um cortejo de protestos:
- Quinze dias? Quatrocentas páginas (quinhetas) pra ler em quinze dias!" (PENNAC, 1993, p. 23)

E esse mesmo jovem, angustiado pela obrigação de ler, já foi um apaixonado por leitura. Quando? O que lhe aconteceu? O autor nos vai soprando aos poucos, mais sempre com a maestria de um romancista, que se utiliza de momentos interessantes (tipo quiproquó) para nos prender a atenção, “como num romance”. O certo é que a leitura para a vítima é um tormento, as páginas dos livros são todas pretas, e ele anseia por um diálogo para arrefecer a interminável negritude dos capítulos. O que ele faz, então? No desespero de sua incapacidade, só há uma saída: pedir emprestada a ficha de algum amigo para, às pressas, antes do toque inquisidor, copiá-la e entregar ao professor, que o flagrou na angústia da cola, mas que não fez alarde, pois precisa aceitar o trabalho. Como nós... Lembram?

Pennac (1993) então nos faz lembrar quem são os culpados por tudo isso, pela aversão do jovem pela leitura. E nós sabemos de cor. Quem é? A resposta uníssona: a televisão, a mídia, a tecnologia, a internet. E todos resmungam nas salas-de-estar, nas salas de professores, no meio da rua, no adro da Igreja:

- É! como pode o menino ler!
- É realmente difícil concorrer com a televisão!
- E a internet, nem me falem, eles só querem saber de redes sociais etc etc,
- ...

E nós fazemos aqui uma pergunta, antes de voltarmos à personagem de Daniel Pennac, para que não fiquemos aqui só nos exemplos do escritor francês. E aqueles nossos alunos que são ratos de bibliotecas? Nós não podemos contar uma história de um romance interessante que eles perguntam logo: “— Professor, qual o nome do livro?”

Na hora do recreio, se formos à biblioteca, vê-los-emos à procura do romance indicado. Outra pergunta: e nós, nós lemos de fato, a ponto de termos mecanismos para atrair nossos alunos à leitura, ou estamos apenas trabalhando e fazendo disso nossa arma de vingança?

Na verdade, Pennac (1993) apenas nos lembra quais são os bodes expiatórios. Deixa-nos entender que nós precisamos encontrar um vilão. E esse vilão não podemos ser nós: pais e profissionais da Educação. Jamais um pai diria:

— Meu filho não gosta (tem o costume) de ler porque eu nunca li um livro para ele. Nem sequer li nada na sua frente. Como ele pode gostar de ler?

Jamais um professor falaria:

— Eu nunca coloquei meus alunos diante de vários livros e lhes pedi que lessem à vontade, a seu bel prazer, sem nenhum compromisso. Por isso eles não gostam de ler.

Recentemente li um texto de um escritor, possivelmente, indiano, Rajneesh, no qual ele afirma que “a felicidade é uma atitude, não o resultado de um desejo.” e que “Só há uma forma de ser feliz. É abandonando o desejo de ser feliz.”, Podemos parafraseá-lo afirmando que a leitura é uma atitude, não há como simplesmente desejarmos que nossos alunos e filhos leiam. Ler não é algo que vem do berço. A leitura é algo que vem através da experiência de vida e que gostar de ler, necessariamente, passa pela experiência positiva de leitura.

Pennac (1993) nos lembra então que sua personagem, quando pequena todos os dias ganhava um presente dos pais, que não lhe cobravam nada por isso, não lhe exigiam nada. Ele era embalado nas ondas maviosas da voz materna, que descortinava para ele um mundo novo. Era “um momento fora dos momentos.” (PENNAC, 1993, p. 34) Ele amava as leituras, essas histórias.

O que foi então que aconteceu entre aquela intimidade e ele, agora, batendo-se contra um livro falésia enquanto nós procuramos entendê-lo (quer dizer, nos tranquilizarmos), incriminando o século e a televisão —que nos esquecemos talvez de apagar.

É esta a pergunta que não quer calar. O que aconteceu? O que acontece, uma vez que toda criança adora história? De certa forma toda criança é uma “devoradora de história”. Daniel Pennac (1993) nos fornece a resposta de forma dura, porém tranquila. O problema não está nele, não está na leitura, não está na espessura dos livros, não está na tecnologia. Mas no modo abrupto como lhe foram tirados os prazeres da leitura. De um dia para o outro nosso filho aprende a ler. Alfabetiza-se, e nós, os pais respiramos aliviados, como se dissemos a nós mesmos: “Agora não preciso mais perder o futebol na

tevê, ou a o capítulo da novela do horário nobre. Ele(a) já sabe ler. Esquecemos que saber ler é muito mais do que perceber palavras escritas, do que juntar letras:

Nós ficamos cegos por esse entusiasmo? Acreditamos que bastaria a uma criança o prazer das palavras para dominar os livros? Pensamos que a aprendizagem da leitura iria por si mesma, como vão a marcha vertical ou a linguagem — resumindo, um outro privilégio da nossa espécie? O que quer que seja, é o momento que escolhemos para pôr fim às leituras noturnas. (PENNAC, 1993, p. 45)

E, desde então, ele fica na solidão de seu quarto, ilhado por letras e situações que desconhece. Mas ainda há tempo para a personagem universal voltar aos livros. É devolvermos a ele o que lhe foi violentamente tirado. Daniel Pennac nos diz como:

Ora, este prazer está próximo. Fácil de encontrar. Basta não deixar os anos passarem. Basta esperar o cair da noite, abrir de novo a porta do seu quarto , nos sentarmos à sua cabeceira e retornarmos nossa leitura em comum.

(...)

O que acontece então vale a descrição. Para começar, ele não acredita nos seus ouvidos. Gato escaldado tem medo de história! A coberta puxada até o queixo, ele está alerta, esperando a armadilha:

— Bom, o que foi que acabei de ler? Você entendeu?

Mas olha só, não lhe fazemos essa pergunta. Nem outra qualquer. Contentamo-nos em ler. Grátis. Ele se descontraí pouco a pouco. (Nós também.) Ele recupera lentamente aquela concentração sonhadora que tinha seu rosto de noite. E nos reconhece, enfim. (1993, p. 57)

Na sequência de seu delicioso livro, Daniel Pennac nos cita N exemplos de leitores mundo afora. De professores que liam para seus alunos sem lhes cobrar nada, porque também tinha prazer em ler. Não o fazia como moeda de troca. Pois é mais ou menos isso o que nós fazemos em sala. Lemos um texto, com nossa voz treinada, despertamos a atenção dos alunos, para em seguida cobrarmos um preço. É a armadilha de que fala Pennac.

4 LEITURA: COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS

Hoje, enquanto se debate o que fazer para levar ao aluno o gosto pela leitura, outro tema recorre: a necessidade de unir todas as disciplinas e seus respectivos professores nessa empreitada. Ler e escrever não é, portanto, uma busca somente dos professores de Língua Portuguesa. Quando o aluno lê bem e tem gosto por essa prática, todas as matérias lucram. Ele comprehende melhor os enunciados de Física e Matemática, por exemplo, comprehende melhor a necessidades de se conhecer a História e sua Evolução, os conceitos da Geografia e memoriza com mais facilidades a infinidade de termos da Biologia e da Química. Daí a necessidade do envolvimento de toda a Escola na busca para que os alunos gostem de ler. Ou como dizem Coimbra e Mari (2011; p. 15):

A tarefa de ensinar a ler e a escrever um texto de história é do professor de História e não do professor de Português. A tarefa de ensinar a ler e a escrever um texto de Ciência é do professor de Ciência e não do professor de Português... (...) A tarefa do professor de Português é ensinar a ler a literatura brasileira.
Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola.

Mesmo que não concordemos com todas as palavras dos referidos estudiosos, teremos de comungar com eles a ideia de que toda a escola deve estar envolvida com o processo do ensino da leitura e da escrita. É responsabilidade de todos também criar no educando o gosto pela leitura, trazendo para sala de aula textos interessantes que tratem de sua disciplina para que os alunos se entretenham, enquanto aprendem a matéria de História, Geografia, Ciência etc.

Compreendemos suas palavras na medida em que cada disciplina possui terminologias inerentes a elas mesmas, como a Biologia, por exemplo. Ou possui termos que têm significação diferente quando estão dentro do contexto de determinada disciplina, como atesta esse verbete retirado de Aurélio (2004):

Fusão [Do lat. *fusionē*.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de fundir¹ ou fundir-se; derretimento pela ação do calor. 2. Mistura, liga. 3. Aliança, união:

'Estamos assistindo à fusão de duas correntes que nasceram como expressões contraditórias e depois se aproximaram pelo que nelas havia de comum. Essas correntes são o individualismo e o socialismo.' (Amoroso Lima, *A Realidade Americana*, p. 251.) 4. Associação, sociedade: fusão de bancos, de firmas. 5. V. *amalgamação* (4). 6. E. Ling. Processo de transformação de dois elementos contíguos (como sons, morfemas) num terceiro. 7. Estat. Procedimento adotado na análise da influência de determinados fatores sobre uma população, e que consiste em agrupar dois ou mais fatores para diminuir erros de amostragem. 8. Fís. Passagem de uma substância, ou de uma mistura, da fase sólida para a líquida. [Quando a substância é pura e a pressão constante, a fusão realiza-se isotermicamente.] 9. Fís. Nucl. Fusão nuclear.

Fusão nuclear. 1. Fís. Nucl. Reação nuclear em que núcleos leves reagem para formar outro mais pesado, com grande desprendimento de energia. Na reação, parte da massa dos núcleos reagentes se transforma em energia e, por isso, a massa do núcleo resultante é menor que a soma das massas dos reagentes. Uma reação de fusão importante é a de formação de um núcleo de trítio a partir de dois núcleos de deutério, e que constitui a base do funcionamento de uma bomba de hidrogênio. Na reação de fusão controlada, procura-se obter uma elevada temperatura, necessária para iniciar a reação, no seio de um plasma gasoso. Como fonte de energia, as fusões nucleares têm papel importante, se não fundamental, na emissão de energia das estrelas. [Tb. se diz apenas *fusão*. Sin.: *reação termonuclear*].

Sendo assim, verifica-se a necessidade de os professores de disciplinas outras trabalharem textos ligados às suas áreas específicas, com o intuito de dar ao aluno mais um leque de possibilidades quando ao léxico da língua portuguesa. Assim, os jovens,

alguns possivelmente futuros professores, terão uma nova perspectiva de leitura para seu futuro como leitor, incentivador e escritor.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que ler é uma prática do cotidiano, não uma missão do dia-a-dia. Nossos alunos e filhos precisam passar por momentos de reencontro com aquilo que a leitura tem de prazeroso para esquecer o quanto árdua é a obrigação de prestar conta do que leu. É como se imaginássemos alguém tendo que provar que comeu uma deliciosa feijoada. Imagine alguém fazendo uma prova sobre isso. Seria de afastar o comensal dos pratos mais deliciosos da mesa.

Entretanto se faz mister lembrar que a leitura também é um ato de liberdade. Que sempre fazemos, antes da leitura de um texto, a leitura de mundo, do contexto no qual ele está inserido. Como afirma Freire (2006; p. 11): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Mas se o jovem não faz essa leitura, se ele não aprendeu a estabelecer uma relação direta do texto difundido pela televisão, pelas redes sociais ou mesmo pela escola, com os “insetozinhos” que lhe estão diante dos olhos ou de todos os sentidos, ele continuará cego para as questões sociais.

E a culpa não é dele. É de todos nós, professores, pais, gestores. Pois “muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes ‘leiam’, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler”. (Freire; p. 17) Ou mesmo pela acomodação em buscarmos o resgate do gosto que o jovem tinha por “textos”, ou pela nossa própria inépcia de levarmos até ele questões realmente relevantes para sua formação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ignácio de Loiola. Dentes ao Sol. Rio de Janeiro: Brasília, 1976.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. 288p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4.ed. CURITIBA: Positivo, 2009.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 9 ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. São Paulo, Ed. Ática, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução de Leny Werneck. 4^aed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na Escola e na Biblioteca. Campinas: Papirus, 1986.